

A VOZ FEMININA NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

Renata da Silva Santos*
Gláucia Teixeira de Queiroz*

Resumo: *Observa-se, na literatura feminina, uma individualização da memória comunitária ao serem levantados pelas escritoras diversos questionamentos referentes à estrutura social, no que se refere a condição feminina, baseada na tradição patriarcal, fazendo assim um rompimento do discurso da atualidade com a tradição herdada. Uma das representantes da literatura feminina é Adélia Prado, que traz no seu discurso um a característica própria ao trabalhar com o cotidiano, a voz feminina, o amor a Deus e à religião católica, o lirismo, a linguagem coloquial e o erotismo, buscando a abertura para uma nova consciência feminina, por meio da literatura.*

Palavras-chave: Discurso; Transgressão; Patriarcalismo.

LITERATURA FEMININA

A literatura feminina constitui-se de obras em que há uma verdadeira tomada de consciência do papel social feminino, como afirma Luíza Lobo ao defender a idéia de que na literatura de autoria feminina, observa-se um discurso de alteridade político, pelo fato de seus representantes se assumirem e se declararem como mulheres, na condição do outro, do excluído e do estranho.

Ao falar sobre a poesia brasileira de autoria feminina, Angélica Soares (1999) faz referência a uma individualização da memória comunitária, realizada pelas poetisas, através da utilização de recursos estilísticos que levantam questionamentos acerca da estrutura social, baseada na tradição patriarcal. Essa individualização justifica-se pela análise do discurso presente nesse gênero de poesia, o qual ultrapassa a memória individual, fazendo assim a reconstrução da memória coletiva da sociedade.

A privação ao sexo feminino consiste num elemento discutido pela reconstrução do passado, sempre dominado pelo sistema patriarcal, falocêntrico e que foi fundamentado desde a Idade Média. Nelly Novaes (1999), ao levantar um breve estudo da condição feminina, mostra que essa repressão às mulheres foi legitimada pela Igreja e pela sociedade, no século XIV, mantendo-se justa até a segunda metade do século XIX, quando a existência de Deus foi questionada, fazendo com que a ameaça de castigo ao pecado tornasse inválida ao sistema social. Porém devido ao enraizamento das ideologias, que dificultam as modificações na estrutura da sociedade, ainda nos nossos dias, observa-se esse enfrentamento da condição feminina por parte dos movimentos feministas presentes desde o início do século XIX.

Essa releitura do sistema social, realizada pelas mulheres, consiste numa espécie de transgressão por elas assumida, como afirma Nelly Novaes (1999), transgressão essa que por

* Acadêmicas do curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Orientadora Professora Doutora Nancy Rita Ferreira Vieira.

exercer uma espécie de “desafio ao cânone”, reforça o rompimento da atualidade com a tradição herdada.

A literatura feminina adquire importância para Nelly Novaes (1999) por consistir num elemento de despertar, ao abrir espaço para uma nova consciência da mulher, não apenas em relação à sua individualidade feminina, mas a sua coletividade, por assumir agora uma posição na construção da história. Após a revolução cultural de 60, a preocupação das escritoras não é apenas mostrar a sua realidade, mas construir uma nova, deixando de colocar a condição feminina como uma temática para torná-la em uma problemática, por transgredir às restrições impostas à sua classe.

Nesse momento de quebra de limites, Helena Parente Cunha (1999) distingue dois tipos de personagens apresentadas nas obras de autoras inseridas nos pós-anos rebeldes, que adquiriam o desafio de enfrentar o cânone patriarcal. Um grupo enquadra as personagens que sofrem o peso da culpa, frente às verdades indiscutíveis e comuns aos homens que constituem a ideologia patriarcal, enquanto o outro apresenta mulheres mobilizadas pela busca de se libertarem da sua condição de objeto.

Segundo Helena Parente Cunha (1999), os movimentos de mulheres que se seguiram à revolução dos anos 60, passaram a defender o rompimento das hierarquias, especialmente a que distinguia a posição dos gêneros, privilegiando em todas as áreas o gênero masculino e tornando submisso e limitado o feminino. As verdades que fundamentavam a ideologia patriarcal, já estavam enfraquecidas devido à força da vanguarda do início do século que sofreram um ataque mais violento pelo desejo das mulheres de tirar a dominação do gênero masculino.

A busca da liberdade é uma constante na maioria das personagens da escrita feminina, observa Helena Parente Cunha (1999), o que mostra a capacidade de auto-avaliação, despertando, a partir da consciência dos papéis e máscaras a elas impostas, o desejo de libertarem-se do modelo falocêntrico, procurando escapatória para a dependência e a submissão. A independência feminina, alcançada pelas mulheres dos anos 60, permitiu às mulheres a exploração do tema erótico, com a entrega ao prazer da relação amorosa com a ausência da culpa, de acanhamentos, de pudor, abandonando a visão mais romântica da temática.

A produção feminina brasileira que se seguiu após a revolução de 60, segundo Luíza Lobo, pode ser classificada em dois grupos principais: um que engloba as autoras destacadas pelo estilo, mas não conseguem modificar seus papéis enquanto mulheres na tradição literária, e outro que reflete no seu discurso uma nova voz.

O primeiro grupo enquadra autoras que levantam questionamentos acerca de sua posição, mas não abandonam os seus papéis literários, ao expor sua dependência patriarcalista.

No primeiro grupo, são apresentadas três tendências, as quais são: existencial, experimentação textual e alegoria política.

Na primeira tendência, as protagonistas conformam-se ao relato de sua experiência de vida, restrita a sentimentos imediatos. Essa prosa feminina trata sobre questões existenciais, destacando a decadência, os fracassos e a desesperança, limitando às atividades femininas de trabalho ao trabalho doméstico e a vida em família.

No discurso feminino, um elemento fundamental é a fragmentação, que nega à captação da realidade como um todo. Essa característica da visão feminina do mundo reflete assim a fragmentação do papel exercido pelas mulheres na sociedade.

A segunda tendência apresenta a experimentação na linguagem, trazendo a mudança, o desenvolvimento da imaginação e a inovação do enredo. Porém, pela ausência de uma mudança de valores estabelecidos, esses elementos presentes nessa tendência não são suficientes para inverter a posição que cabe à mulher na sociedade.

Na terceira tendência, chamada de alegoria política, existia uma rica possibilidade de mudança para as mulheres, pelo fato de seu discurso basear-se no medo, sentimento muito presente na sociedade brasileira, nos anos da ditadura, quando ocorreu o impulso da literatura feminina. O trabalho das mulheres por essa tendência poderia ter sido muito bem desenvolvido na projeção dos seu temor, criado tanto pela sociedade, quando pela família, no entanto não foi bem trabalhado, em geral.

A VOZ DE ADÉLIA PRADO

Uma das grandes representantes da literatura feminina brasileira é a autora Adélia Prado. Muitos são os elementos que caracterizam a sua obra, como enumera Ester Mian da Cruz: o cotidiano, o relato da vida no interior, a voz feminina, o erotismo, o amor a Deus e à religião católica e a linguagem coloquial.

Maria Aparecida Fontes justifica essa ruptura de Adélia com o sistema patriarcal pelo fato de sua lírica estar inserida entre os anos 70 e início de 80, momento de mudanças nos padrões públicos.

A escrita de Adélia Prado caracteriza-se por ser despojada, simples, direta e ao mesmo tempo lírica, segundo Hercília Fernandes. Ela continua descrevendo a poética adeliana como sendo voltada para o conhecimento do eu, o questionamento dos valores e padrões impostos pela sociedade e o questionamento da condição feminina.

Para Maria Aparecida Fontes, em Adélia Prado, amor e erotismo são trabalhados para buscar a harmonia a desconstrução da metafísica do amor e das utopias sexuais. O trabalho com as tendências amor e erotismo é realizado por meio de uma economia verbal ambígua e provocadora. O erotismo é o elemento que religa o amor (a Deus/ ao homem) e o sexo na lírica adeliana.

Adélia Prado indaga o amor romântico, composto de ideais utópicos que foi consolidado pela ótica masculina, preferindo o amor real, desprovido de ilusões. Maria Aparecida Fontes reforça essa idéia, ao afirmar que o sentimento amoroso está presente na lírica de Adélia, havendo, porém uma desconstrução da idéia de amor. Na medida em que propõe a universalidade do sentimento, romântico com uma crença opcional e não necessária.

Hercília Fernandes ainda faz referência à reflexão feita por Adélia a respeito do processo de mecanização dos sujeitos, que atribulados pela vida moderna, desvinculam-se dos sentimentos espirituais.

Adélia Prado, segundo Maria Aparecida Fontes, questiona os excessos da sociedade pós-moderna, em relação à desvalorização do amor e à supervalorização das técnicas do sexo, ao criar um discurso com duas vertentes: uma que toma o direito de voz, de desejo e de gozo, denunciando as limitações impostas à mulher. A segunda vertente une o amor, o sexo e o erotismo. Adélia mostra uma grande preocupação com as novas concepções formadoras do sujeito moderno em relação aos afetos. Por isso, ela cria uma nova visão do amor, insistindo na religião erótico-religiosa, a partir da criação da imagem do homem (Jonathan) como metáfora de dimensão divina do ser - humano e pela reelaboração do conceito de sacrifício. Em Adélia, o amor humano não nega o corpo, nem o mundo, pois é por meio do corpo que o amor é o erotismo e se estabelece uma comunicação com o mundo.

Em relação à comunhão estabelecida por Adélia entre a carne e a religiosidade, Maria Aparecida Fontes acredita ser essa a maior transgressão da autora.

Ester Mian da Cruz reforça essa idéia ao dizer que na sua lírica há o erotismo do corpo e a presença de Deus humanizado. Adélia foge das imposições e doutrinas contidas nas pregações religiosas, ao buscar a matéria de sua poesia na fonte da história cristã, relatando os elementos corporais e humanos de Deus, chegando a erotizar as suas relações com Deus. O discurso de Adélia pode ser classificado como rico e moderno por trazer em si a linguagem do Antigo Testamento, cuja característica é a materialização da palavra. A religiosidade em Adélia não se resume em experiências metafísicas, mas em vivências cotidianas, domésticas.

Para Adélia, o fazer literário, sua origem e o papel exercido pelo poeta no mundo constituem numa constante. Na sua obra, a voz de Deus é a própria poesia e o poeta é aquele que a transmite à humanidade.

Em entrevista, (Cadernos da Literatura Brasileira, 2000), a própria Adélia Prado diz acreditar na associação entre a poesia e a prece, explicando a sua afirmação a partir da idéia de que se a oração está unida de mistério, que é uma beleza, e, portanto, poesia. Ela reforça essa idéia, ao posicionar as experiências religiosas e poéticas como semelhantes e ao concordar com uma definição de poesia que a descreve como o ato criativo que mais se aproxima do criador divino.

A obra de Adélia Prado, segundo a análise de Frei Betto, (Cadernos, 2000), é permeada por Deus, assemelhando-se a uma liturgia por despertar no leitor questionamentos acerca da sua posição de ser no mundo. Devido à sua visão mais humana de Deus, ela exalta as maravilhas de Deus nos simples acontecimentos do cotidiano, nos elementos da vida do povo. O autor continua a descrição da religiosidade de Adélia ao referir-se à imagem divina criada por ela não baseada nas doutrinas, mas, nas suas vivências, nas suas experimentações, reforçando a sua espiritualidade como apaixonada, daí a sua associação de Jesus com Jonathan, personagem de muitos de seus poemas amorosos.

O POEMA

O pelicano

Um dia vi um navio de perto.
Por muito tempo olhei-o

com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan:
primeiro as unhas, os dedos, seus nós.
Eu amava o navio.
Oh! Eu dizia. Ah, que coisa é um navio!
Ele balançava de leve
como os sedutores meneiam.
À volta de mim busquei pessoas:
olha, olha o navio
e dispus-me a falar do que não sabia
para que enfim tocasse
no onde o que não tem pés
caminha sobre a massa das águas.
Uma noite dessas, antes de me deitar
vi – como vi o navio – um sentimento.
Travada de interjeições, mutismos,
vocativos supremos balbuciei:
Ó Tu! e Ó Vós!
- a garganta doendo por chorar.
Me ocorreu que na escuridão da noite
eu estava poetizada,
um desejo supremo me queria.
Ó Misericórdia, eu disse
e pus minha boca no jorro daquele peito.
Ó amor, e me deixei afagar,
a visão esmaecendo-se,
lúcida, ilógica,
verdadeira como um navio.

Neste poema de Adélia Prado, o título “O pelicano” refere-se a uma ave zelosa com seu filhote, a ponto de dar-lhe o seu próprio sangue, não havendo com que o alimentar. Devido a essa sua proteção, o pelicano tornou-se o símbolo da Paixão de Cristo e da Eucaristia, por trazer em si, a imagem de auto-imolação, em prol de seus filhos, assim como Cristo morreu pelos seus. Essa referência a esse símbolo, já adianta a idéia que será trabalhada no poema, que revela um aspecto religioso. O pelicano, no poema, consiste numa metáfora de Jesus.

O poema é iniciado com uma narração de um determinado dia em que o eu-lírico viu um navio de perto e lhe dedicou um olhar tão fervoroso quanto aquele que ela lançava a seu amado Jonathan, como que saboreando a visão de cada parte, de cada detalhe e a sensação que esta visão produzia.

Esse saborear da visão despertou no eu-lírico um amor pelo navio, criando no seu íntimo certo êxtase por aquela imagem que, no seu balançar, assemelhava-se a figura de um homem sedutor. A sua admiração por aquela figura foi de tal intensidade que ela não se conteve, procurando então despertar a atenção das pessoas para o que ela sentia. A imagem do navio caminhando sobre as águas lembra a imagem de Jesus, quando sobre elas caminhou, o que sugere a questão do poder encontrado em ambos: da força ou do espírito.

Esse seu êxtase despertado pela visão do navio foi revivido em uma noite, agora, numa experiência espiritual. A imagem do navio foi lembrada, mas naquele instante, o navio era o

Salvador, não aquele que carrega as pessoas, no seu interior, alimentando-as e sustentando-as, ou resgatando um possível naufrago, mas o Salvador das almas, aquele que carrega toda a humanidade, dando-lhe proteção, amor e sustento.

No entanto, essa dinâmica que faz a relação entre os elementos: pelicano, navio, Jonathan e Jesus, apesar de descrever uma experiência espiritual, voltando-se assim para o religioso, traz em si uma enorme carga de erotismo, característica essa já pertencente à obra de Adélia Prado. Esse erotismo não é colocado de forma explícita, mas como prefere a poetisa, de forma sugestiva e metafórica, por meio das imagens e sensações contidas no poema.

A experiência com Jesus, para o eu lírico, não desperta mas o medo, a vergonha, o arrependimento, como são colocados nas doutrinas da religião, mas ela desperta o desejo de conhecer, de sentir, despertando uma excitação que assemelha-se àquela sentida por ela no seu desejo por Jonathan.

O nível de sua inflamação, ao perceber que a imagem de Jesus associava-se à do barco adquiriu tamanha intensidade que o seu prazer foi refletido nas suas exclamações, no seu mutismo e na sua busca de encontrar o corpo de Jonathan, que ali estava, como sendo, a encarnação de Jesus, que agora compreende só o amor.

A visão dissipou-se, com ela o despertamento de sensações, mas ainda assim não deixou de existir.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Instituto Moreira Salles, nº 9, junho, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. O Desafio ao cânone: consciência histórica versus discurso-em-crise. In: CUNHA, Helena Parente. *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70-80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1999. p. 9-14.

CRUZ, Ester Mian da. A bíblica poesia de Adélia Prado. Disponível em: <http://www.google.com>. Acesso em: 02 jun.2008.

CUNHA, Helena parente. Desafiando o desafio – Algumas considerações introdutórias. In: CUNHA, Helena Parente. *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70-80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1999. p. 15-20.

FERNANDES, Hercília. Adélia Prado: liberdade na voz feminina. Disponível em: <http://www.google.com>. Acesso em: 02 jun.2008.

FONTES, Maria Aparecida. A transladação do corpo: amor, erotismo, revolução cultural e poiesis – uma leitura da obra poética de Adélia Prado. In: CUNHA, Helena Parente. *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70-80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1999. p. 9-14.

LOBO, Luíza. A literatura de autoria feminina na América Latina. Universidade Federal do Rio



de Janeiro. Disponível em: <http://www.google.com>. Acesso em: 02 jun.2008.

LOBO, Luíza. Dez anos de literatura feminina brasileira. In: LOBO, Luíza. *Crítica sem juízo*, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1993. p. 48-61.

SOARES, Angélica. Memória poética feminina: hierarquias em questão. (cópia de xérox)